

Religião e ensino privado em Brasília: estudo comparado das tendências pedagógicas das pré-escolas religiosas e de sua clientela em Brasília [de Adriana Valle dos Reis. Tese de doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 1999].

Bráulio Tarcísio Porto de Matos*

Quem não se recorda da poderosa retórica de Marx aplicada à religião, tantas vezes citada durante nossos cursos de formação como guia analítico a ser seguido nesse campo de estudos? “A religião”, diz-nos ele, logo na introdução da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, “é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito de condições sociais de que o espírito está excluído. Ela é o *opium* do povo. A abolição da religião enquanto felicidade *ilusória* do povo é uma exigência que a felicidade *real* formula”. A tese defendida por Adriana Reis em *Religião e ensino privado em Brasília* não vem afirmar nem negar essa “lei sociológica” decretada pelo marxismo. Ela infunde nas sociologias da religião e da educação aquele senso de observação e escrutínio empíricos ao fenômeno sem o qual não há ciência.

O estudo investiga a interação entre três variáveis básicas (tipo de educação, forma de religião e status socioeconômico) em uma amostra de dirigentes e de clientes de pré-escolas privadas de Brasília, notadamente de escolas religiosas. A primeira parte do trabalho contém uma revisão clara e sistemática da literatura sociológica e histórica pertinente ao tema. A autora emprega a tensão entre o público e o privado como guia para reconstruir o papel da religião na educação infantil ao longo da história brasileira. Essa tensão remonta à colônia (jesuítas) e percorre toda a história republicana. Em relação à literatura sociológica, a autora apresenta os entendimentos de Durkheim, Weber e Troeltsch sobre a dimensão social da religião. A confluência dessas duas perspectivas, histórica e sociológica, possibilita uma apresentação esquemática dos tipos de educação (humanista, laica e religiosa) e dos tipos de comunidade

* Bráulio T. Porto de Matos é professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

religiosa (igreja, seita e misticismo) que irão balizar a investigação empírica, propriamente dita.

A segunda parte do trabalho contém o desenho da pesquisa, esclarecimentos sobre os métodos e as técnicas empregados, bem como os principais resultados encontrados. Na apresentação do plano amostral, ficamos sabendo que as 13 pré-escolas selecionadas para o estudo correspondem a 13% do universo dessas instituições em Brasília, e que as unidades de análise serão aproximadamente 20 dirigentes das mantenedoras daquelas pré-escolas e aproximadamente 450 pais dos alunos. Metodologicamente, a pesquisa recorre a uma engenhosa combinação de abordagem qualitativa (entrevista semi-estruturada com dirigentes) e de abordagem quantitativa (questionário-padrão aos pais). Tecnicamente, são empregadas estatísticas sofisticadas (*cluster analysis*) para identificar conglomerados de atores que compartilham visões de mundo e concepções educacionais.

Os resultados da pesquisa são muitos e interessantes. Limitar-nos-emos a mencionar dois deles: a) a identificação de quatro paradigmas educacionais (educação secularizada, educação humanista, educação religiosa e educação assistencial); b) a identificação de uma associação aproximada entre misticismo/educação humanista/classe média alta e entre igreja/educação secularizada/classe média baixa (praticamente inexistem pré-escolas mantidas por seitas em Brasília, bem como pais de classe baixa na amostra selecionada).

Em relação aos pontos fracos da investigação, ressaltaríamos dois: a) a revisão da literatura ressentiu-se de alguma simplificação, quer na parte histórica (subestimar o caráter humanista da educação jesuítica), quer na parte sociológica (tratamento excessivamente esquemático das distinções propostas pelos autores clássicos, tais como igreja versus seita, ascetismo versus misticismo); b) muito embora o texto informe sobre a natureza não-probabilística da amostragem das pré-escolas, seria prudente a autora explicitar melhor esse ponto. As instituições associadas a comunidades místicas estão claramente super-representadas, pois todas que existem em Brasília foram pesquisadas (universo), ao passo que, das 54 mantenedoras laicas e das 27 mantenedoras católicas existentes em Brasília, apenas 0,5% e 10%, respectivamente, compuseram a amostra. No mínimo, deve-se apresentar uma justificativa convincente para essa decisão (se for uma suposta homogeneidade do catolicismo versus heterogeneidade do misticismo, cabe questioná-la), bem como pensar na atribuição de um “peso” referente à orientação religiosa no banco de dados que gerou a *cluster analysis*.

Essas ressalvas, contudo, não retiram em nada os méritos do trabalho, de grande interesse tanto para analistas sociais quanto para educadores.

É comum, aliás, que a contribuição de pesquisas empíricas prime não apenas pelo que diz, mas também pelas novas curiosidades que suscitam. Nesse sentido, os membros da banca examinadora sugeriram à utora que ela estenda a sua reflexão nessa área em pelo menos duas direções específicas. De minha parte, sugeri que ela inclua os professores em seu universo de investigação. No que a realização do ensino ocorra em sala de aula, via “currículo oculto” e relações face-à-face entre o professor e o aluno, seria interessante saber quais são as *weltanschauungen* religiosas dos mestres, inclusive daqueles que atuam em escolas públicas (laicas, por força da lei). Da parte do professor Pierre Sanchis, proveio a interessante observação de que Brasília, tantas vezes referida como a capital do “misticismo”, tema caro à autora, mostra-se em verdade demograficamente mais católica e menos espírita do que o País como um todo. Como se explica isso? Como dissemos, uma boa pesquisa acaba “dando pano pra manga”.